

**SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL, SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO:
A LUTA IDEOLÓGICA PELA ETERNIZAÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO
CAPITALISTA**

**SOCIEDAD POSTINDUSTRIAL, SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO Y DE LA
EDUCACIÓN: LA LUCHA IDEOLÓGICA POR LA ETERNALIZACIÓN DEL MODO DE
PRODUCCIÓN CAPITALISTA**

**POST-INDUSTRIAL SOCIETY, KNOWLEDGE SOCIETY AND EDUCATION: THE
IDEOLOGICAL STRUGGLE FOR THE ETERNALIZATION OF THE CAPITALIST
MODE OF PRODUCTION**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.51324>

Jeferson Anibal Gonzales¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir duas concepções utilizadas pela classe dominante na luta ideológica pela eternização do modo de produção capitalista e suas influências no campo educacional. Dessa forma, discute as concepções de sociedade pós-industrial e sociedade do conhecimento que alimentam a visão de mundo pós-moderna, reduzindo o trabalho educativo à aprendizagem de conhecimentos imediatamente úteis à reprodução do capital. Conclui que essas concepções e sua aderência ao campo educacional compõem a luta ideológica pelo convencimento dos seres humanos de que o capitalismo é um modo de produção insuperável, eterno, posicionamento corroborado pela afirmação pós-moderna do fim das ideologias e da história.

Palavras-chave: sociedade pós-industrial. sociedade do conhecimento. pós-modernismo. trabalho educativo. capitalismo e educação.

Resumen: El propósito de este artículo es discutir dos concepciones utilizadas por la clase dominante en la lucha ideológica por la perpetuación del modo de producción capitalista y sus influencias en el campo educativo. De esta forma, discute los conceptos de sociedad posindustrial y sociedad del conocimiento que alimentan la cosmovisión posmoderna, reduciendo el trabajo educativo al aprendizaje de conocimientos inmediatamente útiles para la reproducción del capital. Concluye que estas concepciones y su adhesión al campo educativo conforman la lucha ideológica por convencer a los seres humanos de que el capitalismo es un modo de producción insuperable, eterno, posición sustentada en la afirmación posmoderna del fin de las ideologías y de la historia.

Palabras clave: sociedad posindustrial. sociedad del conocimiento. posmodernismo. trabajo educativo. capitalismo y educación.

Abstract: The purpose of this article is to discuss two conceptions used by the ruling class in the ideological struggle for the perpetuation of the capitalist mode of production and its influences in the educational field. In this way, it discusses the concepts of post-industrial society and knowledge society that feed the post-modern world view, reducing educational work to learning immediately useful knowledge for the reproduction of capital. It concludes that these conceptions and their adherence to the educational field make up the ideological struggle

to convince human beings that capitalism is an insurmountable, eternal mode of production, a position supported by the postmodern affirmation of the end of ideologies and history.

Keywords: post-industrial society. knowledge society. postmodernism. educational work. capitalism and education.

Introdução

As relações sociais que os seres humanos estabelecem ao produzirem sua própria existência caracterizam, ao longo da história, os diversos modos de produção. Nesse processo, são estabelecidas as bases materiais sobre as quais erigem uma gama de relações que dialeticamente sustentam e são sustentadas por essa base em determinada formação social.

Na sociedade industrial regida pelo modo de produção capitalista, reina a produção de mercadorias para consumo, passando pela circulação, num movimento em que a exploração do trabalhador é baseada na retirada de seu controle sobre a totalidade do processo de produção, restando-lhe apenas a venda da sua força de trabalho ao capitalista, detentor privado dos meios de produção, como meio de sobrevivência. A conformação dos trabalhadores a esse processo é necessária para que a burguesia se mantenha como classe dominante e, para isso, essa classe dispõe de um arsenal de táticas que vão desde a repressão violenta às greves à ameaça do desemprego e patrocínio de teorias que buscam falsear o real, impedindo assim que a verdade da exploração de classe tome corações e mentes daqueles que vivem do próprio trabalho.

Com isso em vistas, no presente trabalho pretende-se discutir duas dessas estratégias teóricas, quais sejam, as concepções de sociedade pós-industrial e sociedade do conhecimento que alimentam a concepção pós-moderna de mundo – e sua influência no campo educacional. Para isso, o trabalho foi organizado em três itens: no primeiro e no segundo, discute-se, respectivamente, as concepções de sociedade pós-industrial e sociedade do conhecimento, demonstrando seu desenvolvimento histórico, suas proposições teórico-filosóficas e seu posicionamento político-social; no terceiro item, relaciona-se essas concepções com o campo educacional, ressaltando sua expressão na constituição das ideias pedagógicas hegemônicas. Conclui-se, por fim, que o desenvolvimento dessas concepções e sua aderência no campo educacional compõem a luta ideológica pelo convencimento dos seres humanos de que o capitalismo é um modo de produção insuperável, eterno, posicionamento corroborado pela afirmação pós-moderna do fim das ideologias e da história.

Sociedade pós-industrial: lutas de classes e centralidade do trabalho

Em 1973, Daniel Bell publica o livro *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*, no qual defende a tese de que:

(...) no decorrer dos próximos trinta anos ou cinquenta anos presenciaremos o aparecimento do que designei como 'sociedade pós-industrial'. Como deixo bem claro, trata-se antes de tudo de uma mudança na estrutura social, mudança cujas consequências serão variáveis, de acordo com as diferentes configurações políticas e culturais. (BELL, 1973, p. 10)

O “novo” tipo de sociedade seria agora baseado no conhecimento e não na terra (sociedade pré-industrial) ou na maquinaria da indústria (sociedade industrial). O que leva Bell a essa conclusão é a leitura de dados estatísticos sobre as ocupações dos trabalhadores nos Estados Unidos da América que apontam para uma mutação a partir de 1947, quando há o aumento de cerca de 60% no ramo de serviços até 1967 e um aumento de menos de 10% no ramo industrial. Para o autor, esse fato demonstraria uma reorganização da sociedade – da industrial para a pós-industrial –, na produção – de bens industriais para serviços – e nas relações de poder – dos proprietários das fábricas para os detentores do conhecimento. Essas transformações são definidas pelo autor em cinco dimensões ou componentes:

1. Setor econômico: a mudança de uma economia de produção de bens para uma de serviço;
2. Distribuição ocupacional: a preeminência da classe profissional e técnica;
3. Princípio axial: a centralidade do conhecimento teórico como fonte de inovação e de formulação política para a sociedade;
4. Orientação futura: o controle da tecnologia e a distribuição tecnológica;
5. Tomada de decisões: a criação de uma “nova tecnologia intelectual”. (BELL, 1973, p. 28)

A primeira dimensão está relacionada à “criação de uma economia de serviços”, sendo que a ênfase da sociedade pós-industrial estaria em serviços específicos, como saúde, pesquisa, educação e governo, pois representariam “a expansão de uma nova *intelligentsia* – no âmbito das universidades, das organizações destinadas à pesquisa, das profissões e do governo” (BELL, 1973, p.29).

Na segunda dimensão – preeminência da classe profissional e técnica –, Bell aponta alterações no local e no tipo de trabalho que as pessoas executam. Se na sociedade industrial os trabalhadores semiquilificados que executam trabalhos de rotina com máquinas ocupam o maior número de cargos, na pós-industrial, a expansão da economia de serviços elevaria os empregos de natureza profissional e técnica, com os engenheiros e cientista ocupando papel destacado.

Com a terceira dimensão, o autor identifica a primazia do conhecimento teórico, considerando que:

A sociedade industrial representa a coordenação das máquinas e dos homens para a produção dos bens. A sociedade pós-industrial organiza-se em torno do conhecimento, a fim de exercer o controle social e a direção das inovações e mudanças; e isto tudo dá origem, por sua vez, a novos relacionamentos sociais e a novas estruturas sociais, as quais têm de ser politicamente dirigidas. (BELL, 1973, p.31-32).

O planejamento da tecnologia diz respeito à quarta dimensão. As possibilidades de planejar e controlar o desenvolvimento econômico levaria ao avanço consciente pela redução da indeterminação com referência ao futuro econômico, o que caracterizaria uma nova dimensão da mudança de estrutura social.

Fechando as dimensões da sociedade pós-industrial, o aparecimento de uma nova tecnologia intelectual, capaz de identificar e definir a ação racional frente aos desafios cada vez mais complexos,

que não podem, segundo Bell, serem resolvidos apenas lidando como pares de variáveis (força e distância, pressão e volume, capital e trabalho, por exemplo) como faziam os cientistas (mesmo os sociais) dos séculos XVIII e XIX.

A meta da nova tecnologia intelectual, é, nada mais nada menos, a realização do sonho social do alquimista: o de “harmonizar” a massa da sociedade. Em nossa sociedade atual, milhões de pessoas tomando diariamente bilhões de decisões a respeito do que vão comprar, número de filhos que pretendem ter, do candidato em quem irão votar, do emprego que irão aceitar, e assim por diante. Toda escolha singular pode ser tão imprevisível quanto o átomo do *quantum* a responder desordenadamente ao instrumento de avaliação, embora os padrões agregados pudessem ser traçados com a mesma precisão com que o geômetra triangula a altura e a horizontal. Se o instrumento for o computador, quem o maneja é a teoria da decisão. (BELL, 1973, p.49).

Percebe-se, assim, a centralidade que assumem as tecnologias e o conhecimento na formulação de Bell, ao passo que o operário e, por conseguinte, suas entidades representativas – os sindicatos – deixam o protagonismo das lutas políticas na sociedade. A luta de classes perde seu potencial, assim como a centralidade trabalho por força do desenvolvimento das ciências e das tecnologias que buscam “harmonizar” os conflitos sociais. Apesar de Bell ressaltar que seu trabalho se enquadra em *uma tentativa de previsão social* e que a “previsão política é a mais incerta de todas” (BELL, 1973, p.19), é possível inferir a partir de suas formulações que a sociedade pós-industrial significaria uma transformação no modo de produção capitalista, mas sem o retorno às “esgotadas e velhas ideologias” já que “a ironia... para o que estão à procura de ‘causas’, está no fato de que os operários, cujas queixas constituíram outrora a força que levava à mudança social, estão mais satisfeitos com a sociedade que os intelectuais”² (BELL, 1973, p.50, nota 39), considerações que revelam na verdade uma perspectiva de eternização do modo de produção capitalista, uma inovação que não supera o velho por incorporação e sim o mantém intacto em seus fundamentos: a luta de classes e a exploração dos trabalhadores na produção de mercadorias (sejam materiais ou não) por meio da extração de mais-valor e a valorização do capital.

A luta de classes se mantém porque o que a determina não é a ocupação do trabalhador, mas principalmente a sua posição no processo de produção de mercadorias (novamente, materiais ou não) como detentor de força de trabalho e não dos meios de produção. Desse modo, antes de significar o fim da luta de classes e da centralidade do trabalho, as mudanças sociais transcorridas no século XX e início deste, ampliam a exploração dos trabalhadores e novas categorias como o *infoproletariado* (ANTUNES e BRAGA, 2009) e o *cibertrariado* (HUWS, 2017) que se somam aos demais sujeitos, na grande massa daqueles que possuem somente a força de trabalho para vender ao capitalista como forma de garantir sua sobrevivência.

Na mesma lógica, a produção de mercadorias não deixa de ser um processo central no atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista:

Ao contrário daqueles autores³ que defendem a perda da centralidade da categoria *trabalho* na sociedade contemporânea, as tendências em curso, quer em direção a uma maior intelectualização do trabalho fabril ou ao incremento do trabalho

qualificado, quer em direção à desqualificação ou à sua subproletarização, não permitem concluir pela perda desta centralidade no universo de *uma sociedade produtora de mercadorias*. Ainda que presenciando uma redução quantitativa (com repercussões qualitativas) no mundo produtivo, o *trabalho abstrato* cumpre papel decisivo na criação de valores de troca. As mercadorias geradas no mundo do capital resultam da atividade (manual e/ou intelectual) que decorre do trabalho humano em interação com os meios de produção. (ANTUNES, 2006, p.83)

Diversos outros autores seguiram, mesmo que de forma parcial e em diferentes vertentes, a interpretação de Daniel Bell, em especial: Andre Gorz em *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*; Claus Offe em *Trabalho e sociedade*; Antonio Negri e Michael Hardt em *Império*; e Manoel Castells em *Sociedade em rede: a era da informação*. Esses autores⁴ apresentam como ponto comum, o entendimento de que o desenvolvimento das tecnologias levou a transformações nas esferas políticas, econômicas e culturais com o trabalho operário perdendo sua centralidade em favor de ocupações, principalmente no campo de serviços, onde reinaria o trabalho imaterial. Esses elementos configurariam a chamada sociedade da informação ou do conhecimento.

Sociedade do Conhecimento

Em *História da sociedade da informação*, Armand Mattelart situa o uso da noção de sociedade informação mesmo que de forma ainda tímida, a partir da década de 1970 pelos organismos internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas (ONU). No entanto, Mattelart (2006) afirma que o projeto de uma sociedade regida pela informação encontra-se historicamente num período anterior à modernidade, balizado por uma “mística do número”, que ganha forma com a entronização da “matemática como modelo de raciocínio e ação útil” nos séculos XVII e XVIII. Para o autor, “o pensamento do enumerável e do mensurável torna-se o protótipo de todo discurso verdadeiro ao mesmo tempo que instaura o horizonte da busca da perfectibilidade das sociedades humanas” (MATTELART, 2006, p.11).

A ordenação da sociedade e sua normatização estiveram no cerne das reflexões de filósofos como Bacon (1561-1626) e Leibniz (1646-1716) e Condorcet (1743-1794), que procuraram formas cada vez mais rápidas de se realizar cálculos tendo em vista as demandas comerciais do capitalismo moderno. No mesmo sentido, procurava-se a elaboração de uma linguagem universal e se desenvolvia a criptografia para uso em cartas diplomáticas.

Com o desenvolvimento do capitalismo industrial, aprofunda-se a crença nos dados quantificáveis como critério de verdade das informações:

A industrialização faz técnica e organização rimarem. Um fio vermelho ocorre entre a noção de divisão do trabalho teorizada pela economia política. O princípio de divisão das operações mentais que estão na base da mecanização do pensamento e a doutrina da gestão científica da oficina. A ideia de que somente o que é enumerável é certeza impregna os modos de governar. O "homem médio", emanação do cálculo de probabilidades, estabelece a norma da gestão política das multidões. O cartão perfurado representa um passo decisivo em sua contagem. As utopias da

comunidade universal e da sociedade descentralizada pontuam o avanço das redes de comunicação. (MATTELARD, 2006, p. 31)

O desenvolvimento de técnicas e aplicação da ciência nos processos produtivos e no gerenciamento da produção formam uma tecnocracia dirigente característica do capitalismo industrial. A figura do gerente que controla e fiscaliza o trabalho ganha espaço na lógica taylorista-fordista da fragmentação da produção na linha de montagem. Ademais, a fábrica passa a ser a referência para a organização escolar, forma dominante de educação a partir da modernidade.

As duas Grandes Guerras intensificam o uso militar da informação e o desenvolvimento de técnicas e tecnologias que mais tarde serão apropriadas para uso comercial, industrial e educacional, adentrando a Guerra Fria.

[...] foi somente a partir da guerra fria e no rastro da inteligência artificial que toda mística do progresso eletrônico passou a saudar a sociedade pós-industrial ao mesmo tempo que o fim da ideologia, o fim do engajamento, a negação da política. [...] De acordo com essa perspectiva, a complexidade do vínculo social se dissolve no jogo soberano das novas forças naturais, do mercado e da tecnologia. (MATTELART, 2006, p.9)

O fim das ideologias é anunciado como suporte ao entendimento do “novo paradigma” da sociedade “pós-industrial” e do chamado *pós-modernismo*. Essas novas teorias sobre o mundo contemporâneo (KUMAR, 1997), apresentam em seu núcleo concepções de conhecimento que embasam diversos apologetas da sociedade do conhecimento.

Daniel Bell (1973) ao realizar sua previsão social que apontava para uma sociedade pós-industrial baseada não na produção de bens, mas de serviços, é considerado também o percussor da noção de *sociedade da informação ou do conhecimento*⁵. Mas o que Bell entende por conhecimento? Primeiramente, é importante lembrar que Bell considera as dimensões do conhecimento e da tecnologia como componentes centrais e estruturais da sociedade pós-industrial, considerando-os a partir de dois conceitos: o ritmo da mudança e a mudança de escala. Para Bell, o ritmo de mudança acelerou exponencialmente entre a primeira e a segunda metade do século XX, causando modificações no caráter dos conhecimentos e da própria humanidade ao ponto que: “a criança de hoje não só enfrenta uma ruptura radical com o passado, como deve também ser preparada para um futuro desconhecido” (BELL, 1973, p.195). Com a aceleração do ritmo, houve a mudança das “escalas de nossa existência”, seja no número de habitantes de uma cidade, de pessoas que se conhecem e se relacionam, seja no tamanho e organização das instituições. Esse diagnóstico leva Bell a considerar o conceito de diferenciação estrutural – elaborado por Talcott Parsons – como chave para análise da mudança social, pois “(...) à medida que as instituições aumentam de tamanho, assim como as funções que lhes cabem desempenhar, vão sendo criados subsistemas especializados e distintos para lidar com essas funções” (BELL, 1973, p.199), o que coloca em destaque a questão do conhecimento necessário à organização e funcionamento dessas instituições.

Esses conceitos levam o autor a considerar a fragmentação do conhecimento que ele exemplifica com o fato da *Encyclopaedia Britannica* até 1788 ser redigida por um ou dois indivíduos passando a envolver dez mil especialistas na edição 1967. Assim, expõe sua definição de conhecimento:

(...) um conjunto de formulações organizadas de fatos ou idéias, apresentando uma opinião refletida ou algum resultado experimental, transmitidos a outras pessoas através de algum meio de comunicação e sob uma forma sistemática. Estabeleço assim uma distinção entre conhecimento e informações ou distrações. O conhecimento consiste em novas opiniões (produtos da pesquisa e da escolarização) ou em novas apresentações de opiniões mais antigas (manuais e ensino). (BELL, 1973, p.199)

Mas como a previsão social visa à formulação de políticas sociais, o autor apresenta uma visão mais utilitarista:

Conhecimento é tudo o que chega a ser objetivamente conhecido, uma propriedade intelectual, associada a um nome ou grupo de nomes, e garantida por *copyright* ou por alguma outra forma de reconhecimento social (publicação, por ex.). Paga-se por este conhecimento – com o tempo consagrado a escrever e pesquisar; com a compensação monetária atribuída à comunicação e aos meios educacionais. Ele fica sujeito ao julgamento proferido pelo mercado, pelas decisões administrativas ou políticas de instâncias superiores ou equivalentes, que aquilatam o valor dos resultados, e às exigências que deles advirão quanto aos recursos da sociedade, sempre que surjam exigências deste tipo. Neste sentido, *o conhecimento faz parte do investimento que a sociedade faz em suas despesas gerais*; trata-se de uma formulação coerente, apresentada num livro, um artigo ou mesmo num programa de computador, redigida ou gravada num lugar qualquer para ser transmitida e sujeita a alguma avaliação aproximada. (BELL, 1973, p.199)

Nas raízes da concepção de sociedade do conhecimento, desse modo, o conhecimento é relacionado ao seu potencial produtivo, ao planejamento e desenvolvimento econômico. É uma propriedade protegida por *copyright* e se revela como mercadoria. Essa concepção baliza a lógica produtivista e demonstra o anseio pelo controle social a partir de métricas, escalas e avaliações constantes. Aprofunda, assim, objetivos que percorrem a história da elaboração e uso de dados, estabelecendo um véu que busca encobrir posicionamentos de ordem política, ligados à manutenção da sociedade de classes e, por isso, absorvida por organismos internacionais num amplo movimento de composição hegemônica da ideologia dominante.

Ressalta-se que:

O sociólogo [Daniel Bell] leva a tal ponto a ideia de desmaterialização do trabalho na economia pós-industrial que chega a afirmar que, já que a codificação do saber imprime doravante sua dinâmica à inovação, a nova sociedade se caracteriza não mais pela *labor theory of value*, e sim pela *knowledge theory of value*. (MATTELART, 2006, p.83)

Observa-se, nesse sentido, um ataque às teses marxistas do valor-trabalho; um ataque que não fica no campo teórico, mas mirando e acertando no campo político. Nesse contexto, é importante pontuar que Daniel Bell participou junto a outros intelectuais da época da reunião organizada em setembro de 1955, pelo Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF), intitulada *O futuro da Liberdade* que ratificou as teses sobre o fim da ideologia.

O CCF, uma organização baseada em Paris, anteriormente estabelecida em Berlim, em 1950, era uma frente secreta da CIA, criada para fornecer respostas mais sofisticadas às “Campanhas Pela Paz Mundial”, com a qual a Fundação [Ford] mantinha um grande portfólio de financiamentos, além de estreitas afinidades. O CCF havia se tornado fundamental na estratégia da Agência de composição de uma frente de oposição à URSS, identificada à renovação das tradições e literatura de esquerda e à abertura intelectual para a política e cultura norte-americana com suas organizações e publicações. (CHAVES, 2016, p. 143)

A discussão sobre o fim das ideologias e a existência de uma sociedade pós-industrial fazem parte, assim, das disputas ideológicas no contexto da Guerra Fria entre os blocos liderados pelos Estados Unidos da América e pela URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Ou seja, a defesa de uma sociedade da informação faz parte também da construção de uma visão hegemônica de mundo, uma visão que defende a sociabilidade capitalista e seus valores como insuperáveis.

O mesmo sentido pode ser encontrado nas formulações dos autores que defendem uma sociedade pós-moderna. O “olhar” pós-moderno sobre a sociedade é constituído a partir da crítica aos fundamentos do que seus defensores⁶ consideram os fundamentos da sociedade moderna, seja no campo da filosofia, das ciências, da arte ou da economia.

Em *A condição pós-moderna*, redigido como relatório ao Conselho de Universidades do estado do Quebec em 1979, Jean-François Lyotard infere que:

Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como "razão", "sujeito", "totalidade", "verdade", "progresso". Constatamos que ao lado dessa crise opera-se sobretudo a busca de novos enquadramentos teóricos ("aumento da potência", "eficácia", "otimização das performances do sistema") legitimadores da produção científico-tecnológica numa era que se quer pós-industrial. O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional. (LYOTARD, 2009, p. VIII)

O desenvolvimento tecnológico caracterizaria, desse modo, um novo tipo de sociedade, não mais baseada na razão, nas grandes narrativas, mas em um novo estatuto do saber, no qual o conhecimento é o principal elemento da produção, legitimado pelo próprio desenvolvimento tecnológico. Esse ponto demonstra a adesão do pensamento pós-moderno à ideia de sociedade pós-industrial. E mais além, “o conhecimento, em sua forma pós-moderna, não seria apenas extrusão cultural da sociedade pós-industrial, mas sim, de forma mais exata, um aspecto da sociedade do conhecimento” (KUMAR, 1997, p. 125).

Tomadas em conjunto, por tanto, as ideologias da sociedade pós-industrial, da sociedade do conhecimento e o pensamento pós-moderno caracterizam a defesa de um capitalismo eternizado, com a demolição dos ideais de emancipação das grandes narrativas do século XIX, entre elas, principalmente a concepção de revolução socialista. Qualquer menção às contradições entre capital e trabalho não passaria de exegese de um pensamento velho, carcomido pelo tempo e que ruiu com a queda das experiências do chamado socialismo real.

A educação na chamada sociedade do conhecimento

As expressões ideológicas que buscam caracterizar o momento do desenvolvimento do modo de produção capitalista como pós-industrial, caracterizando uma sociedade do conhecimento se manifestarão também no campo educacional. Se a compreensão que se tem do conhecimento e de sua função na sociedade se modifica, a maneira como os seres humanos concebem a transmissão desse conhecimento vai sofrer ajustes de acordo com os ditames ideológicos do capital, para que a educação cumpra seu papel de manutenção da hegemonia da classe dominante por meio do convencimento.

Na lógica da sociedade pós-industrial, supostamente já não caberia a formação dos sujeitos com base nos conteúdos clássicos, característica de um ideário forjado na sociedade industrial. A *panfilosofia* comeniana do “ensinar tudo a todos” já não é possível, pois, como reiteradamente afirmam os ideólogos da sociedade pós-industrial e da sociedade do conhecimento, a quantidade de conhecimentos produzidos pela humanidade e as formas de armazenamento impedem ou tornam desnecessário a formação que abarque a multiplicidade dos conteúdos, cabendo à educação formar o indivíduo que saiba “navegar” em meio às informações, apreendendo somente o que lhe for útil, com criatividade e colaboração.

Como afirma David Hopkins⁷ em prefácio ao livro *O ensino na sociedade do conhecimento* de Andy Hargreaves:

Neste futuro, a educação precisa de oferecer aos alunos coerência e experiências comuns, a partir de práticas diversas e de atenção individualizada. Esta é a versão, no campo educativo, da passagem do mercado de massas à produção especializada. Este futuro apresenta desafios radicalmente diferentes dos que enfrentamos quando os sistemas educativos foram fundados e é por isso que, no século XXI, se requer uma abordagem qualitativamente distinta ao ensino. (HOPKINS, 2003, p.10)

Para Hopkins, esses desafios seriam: 1) o desenvolvimento de capacidades específicas nos alunos, como requisitos de uma “economia moderna produtiva” e “inclusiva” numa sociedade “complexa e rica em conhecimentos”; 2) o estímulo a imaginação dos alunos e lhes dar prazer na aprendizagem, pois existe um desencontro entre o despertar o interesse dos jovens e a maneira como se tem ensinado; e 3) a eficácia dos professores. E concluí que:

Estes desafios requerem que o ensino, no século XXI, não abarque apenas a transmissão de conhecimentos, mas também o aprender a aprender, o alargamento dos horizontes e o desenvolvimento dos professores. Esta visão implica todos os alunos estarem envolvidos em tarefas curriculares preparadas por professores competentes e com um nível adequado de exigência. Quando os alunos dominam a informação e as competências necessárias, o resultado de cada experiência de aprendizagem não se traduz apenas na interiorização de conteúdos, mas também na maior capacidade que esses estudantes adquirem de abordar futuramente tarefas de aprendizagem dentro e fora da escola. (HOPKINS, 2003, p.10)

Nota-se que o ideário educacional correspondente à sociedade do conhecimento liga-se umbilicalmente ao conjunto das chamadas pedagogias do “aprender a aprender” e se expressam nos referenciais didático-pedagógicos aliados aos parâmetros de eficiência e produtividade. Os conteúdos

clássicos devem ceder espaço às competências, ao conhecimento tácito, ao método antes do ensino e à aprendizagem em lugar da transmissão de conhecimentos.

No livro Vigotski e o “aprender a aprender”: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana, Newton Duarte (2001) focaliza quatro posicionamentos valorativos que podem ser identificados como princípios das pedagogias organizadas sob o lema do “aprender a aprender”, são eles: 1) são mais desejáveis as aprendizagens que os indivíduos realizam por si mesmo, nas quais está ausente a transmissão, por outros indivíduos, de conhecimentos e experiências; 2) é mais importante o aluno desenvolver um método de aquisição, elaboração, descoberta, construção de conhecimentos, que esse aluno aprender os conhecimentos que foram descobertos e elaborados por outras pessoas; 3) a atividade do aluno, para ser verdadeiramente educativa, deve ser impulsionada e dirigida pelos interesses e necessidades dos próprios alunos; 4) a educação deve preparar o indivíduo para acompanhar a sociedade e o acelerado processo de mudanças.

Esses aspectos ficam ainda mais evidentes quando se avança no livro de Andy Hargreaves. No afã de direcionar o pêndulo didático-pedagógico para o âmbito da aprendizagem, o autor chega a discordar da própria denominação de sociedade do conhecimento:

A expressão "sociedade do conhecimento" é, na realidade, uma designação incorrecta. Todavia, mantenho-a neste livro devido à sua utilização alargada e aceite. Na verdade, uma sociedade baseada no conhecimento é, realmente, uma sociedade da aprendizagem. (...) defendo que estas sociedades processam a informação e o conhecimento de uma forma que maximiza a aprendizagem, estimula a criatividade e a invenção e desenvolve a capacidade para iniciar e para lidar com a mudança. Na economia baseada no conhecimento, a riqueza e a prosperidade dependem da capacidade das pessoas para inventarem e serem mais perspicazes do que os seus competidores, para se sintonizarem com os desejos e as exigências do mercado dos consumidores e para mudarem de emprego ou desenvolverem novas competências, quando as flutuações e os ciclos económicos descendentes assim o exigiam. (HARGREAVES, 2003, p. 16)

A defesa da formação de trabalhadores flexíveis, ao gosto da reestruturação produtiva, imbricados de novas competências que os tornarão aptos à concorrência, revela o reavivamento da educação como fator econômico na perspectiva do capital. Conceitos como *capital intelectual*, *empregabilidade* e *empreendedorismo* se conjugam como expressões de responsabilização do próprio sujeito pela sua entrada ou não no mercado de trabalho, na assim chamada sociedade do conhecimento.

Em perspectiva crítica, Duarte (2003, p.13) é enfático ao afirmar que: “A assim chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo, é um fenômeno no âmbito da reprodução ideológica do capitalismo.”. O autor prossegue respondendo à indagação sobre a função ideológica da crença em tal sociedade do conhecimento que:

(...) seria justamente a de enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e enfraquecer a luta por uma revolução que leve a uma superação radical do capitalismo, gerando a crença de que essa luta teria sido superada pela preocupação com outras questões “mais atuais”, tais como a questão da ética na política e na vida cotidiana pela defesa dos direitos do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica, pelo respeito às diferenças sexuais, étnicas ou de qualquer outra natureza. (DUARTE, 2003, p. 14).

Portanto, a sociedade do conhecimento seria uma ilusão criada pelo modo de produção capitalista visando sua reprodução. Duarte (2003, pp.14-15) anuncia e enuncia cinco ilusões criadas por esse ideário, sintetizadas da seguinte maneira: 1ª) na sociedade atual o acesso ao conhecimento está plenamente democratizado; 2ª) saber lidar com diferentes tipos de conhecimento na vida cotidiana é mais importante do que a aquisição de conhecimentos teóricos; 3ª) o conhecimento é uma convenção cultural, ou seja, válido a partir de contratos culturais; 4ª) não há hierarquia valorativa entre conhecimentos, sendo que todos têm o mesmo valor explicativo do real; 5ª) os problemas da sociedade advêm das mentalidades - as guerras, por exemplo, seriam geradas por mentalidades que não respeitam a diversidade cultural de cada povo, sendo preciso educar novas mentalidades que respeitem e vivenciem o multiculturalismo.

Esses pontos, aliados às exigências da organização dos processos produtivos na lógica flexível, à perspectiva teórico-filosófica do pós-modernismo e às políticas neoliberais formam o ideário educacional que conjugaram as bases do ideário pedagógico hegemônico atualmente e suas determinações na organização do trabalho educativo e na formulação das políticas educacionais. Assim, a suposição do fim das ideologias e da história, das grandes narrativas e da possibilidade da verdade, características do pensamento pós-moderno e das concepções de sociedade pós-industrial e sociedade do conhecimento, encontram na educação uma das formas de sua difusão e consolidação, com o objetivo de formar seres humanos incapazes de compreender a totalidade das relações sociais e suas contradições, contribuindo para a manutenção do modo de produção capitalista.

Considerações Finais

O modo de produção capitalista em seu atual estágio de desenvolvimento, caracterizado pela extração de mais-valor, produção, circulação e consumo da forma mercadoria, calcado no antagonismo e na luta entre as classes fundamentais, burguesia e proletariado, exige, por parte de seus defensores, a imposição dessas características para que o mantenha como modo de produção dominante. A manutenção das relações de exploração exige por um lado a repressão direta por meio da coerção e, por outro, a conformação ideológica dos seres humanos para que aceitem essas relações como naturais e incontornáveis. Duas dessas ideologizações da realidade foram abordadas neste trabalho, quais sejam, as ideias de sociedade pós-industrial e de sociedade da informação ou do conhecimento.

A sociedade pós-industrial se caracterizaria, segundo Daniel Bell, pela mudança de uma economia de produção de bens para uma de serviço. Nessa mudança, não mais a terra ou a indústria seriam centrais na produção e na determinação da ocupação de postos de trabalho, mas o conhecimento. Não sem propósito, esse autor será considerado também o percussor da ideia de sociedade do conhecimento. Uma sociedade, porém, não de qualquer tipo de conhecimento e sim o conhecimento com valor produtivo, útil à realização das tarefas imediatas demandada pelo sistema. Já não haveria espaço para o conhecimento clássico, produzido historicamente e coletivamente pelo conjunto da humanidade. Esse tipo de conhecimento ficaria armazenado, podendo ser consultado a qualquer

momento, não cabendo à escola a sua transmissão. O que caberia à escola, então? A escola deve ser o espaço do aprender a aprender.

Com essa concepção de conhecimento e escola, a ideologia da sociedade pós-industrial e da sociedade do conhecimento ganham corpo no campo educacional. Embalada pelos organismos internacionais, a pedagogia do aprender a aprender é amplamente divulgada e assumida nos documentos oficiais brasileiros, como nos Parâmetros Curriculares e na Base Nacional Curricular Comum, e se multiplica na literatura educacional adotada em cursos de formação de professores e concursos para acesso à carreira do magistério, retirando da classe trabalhadora a possibilidade do acesso aos níveis mais elevados do conhecimento da Filosofia, das Ciências e da Arte, sem os quais a compreensão da realidade e, principalmente, o vislumbre de sua transformação sejam violentamente afetados.

É nesse sentido que a educação é convertida em ferramenta nas mãos da classe dominante para ser utilizada na luta ideológica que visa a eternização do modo de produção capitalista. Sabe-se, no entanto, que esse processo não se realiza de forma mecânica, mas dialética e, por isso, contraditória. Reconhecendo as contradições e as estratégias da classe dominante é que os profissionais da educação poderão encontrar as armas para enfrentar essa luta que, em favor dos trabalhadores, não pode prescindir da defesa de um trabalho educativo baseado na transmissão dos conteúdos clássicos e na militância junto aos movimentos sociais populares. Um trabalho educativo que busque contribuir para a superação do modo de produção capitalista e a construção real de nova sociedade que não tenha como princípio a exploração e a produção de valor, mas que cada um ofereça conforme as suas possibilidades e receba conforme suas necessidades.

Referências:

- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**: uma tentativa de previsão social. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1973.
- CHAVES, Wanderson. As agendas culturais da Guerra Fria e o “Programa Ideológico”: a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais. **Revista Angelus Novus**, v. 6, p. 123-150, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/98864>. Acesso em: 21 set. 2022.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2ª ed. Campinas, SP: Autores As-sociados, 2001.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2003.
- HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: a educação na era da insegurança. Trad. Jorge Ávila de Lima. Porto – Portugal: Porto Editora, 2003.
- HOPKINS, David. Prefácio. In: HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: a educação na era da insegurança. Trad. Jorge Ávila de Lima. Porto – Portugal: Porto Editora, 2003.

HUWS, Ursula. **A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2017.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MATTELART, Armand. **História da Sociedade da Informação.** 2ª ed. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

NEHMY, Rosa Maria Quadros; PAIM, Isis. Repensando a sociedade da informação. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 9 - 21, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36767>. Acesso em: 22 set. 2022.

PAGOTTO, Maria Amélia Ferracciú. **O trabalho morreu. Viva o conhecimento!** Os serviços em uma sociedade de classes. São Paulo: Annablume, 2011.

Notas

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Professor EBITT Educação/Pedagogia no Instituto Federal de São Paulo - IFSP/Campus Hortolândia. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0292984756121723>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7118-5132>. E-mail: anibal.gonzalez@ifsp.edu.br

² Bell fez essa afirmação originalmente em outro livro, *O fim da Ideologia*, publicado em 1960.

³ Antunes nesse trabalho não se refere diretamente às formulações de Daniel Bell, centrando suas análises nas obras de André Gorz e Claus Offe.

⁴ Uma análise crítica do conjunto dessas elaborações foi realizada por Maria Amélia Ferracciú Pagotto em *O trabalho morreu! Viva o conhecimento! Os serviços em uma sociedade de classes* (PAGOTTO, 2011).

⁵ Para um percurso histórico-filosófico sobre a construção teórica do termo, ver o artigo de Rosa Maria Quadros Nehmy e Isis Paim intitulado *Repensando a sociedade da informação* (NEHMY e PAIM, 2002).

⁶ Há uma gama de autores de diferentes vertentes que de alguma forma podem ser relacionados ao pensamento pós-moderno. Como assinala Kumar (1997, p. 114): “A teoria pós-moderna é tão chocantemente eclética em suas origens como é sintética e mesmo sincrética em suas manifestações. Temos aí uma das razões de sua popularidade.”

⁷ Conselheiro principal do governo inglês no âmbito dos Padrões de Desempenho Escolar e diretor da *Standarts and Effectiveness Unit*, responsável pela implementação de políticas governamentais relacionadas à elevação dos padrões nas escolas inglesas.

Recebido em: 30 de set. 2022

Aprovado em: 20 de nov. 2022